

Editorial: Introdução à Psicologia da Aparência

Editorial: Psychology of Appearance Introduction

José Mendes 

INTELECTO – Psicologia & Investigação, Ponta Delgada, Portugal
Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social, Universidade de Coimbra, Portugal

Juliana Vieira Almeida Silva 

Universidade do Vale do Itajaí, Brasil
Instituto Brasileiro de Terapia Cognitivo Comportamental

A **Revista Portuguesa de Psicologia da Aparência (RPPA)** emerge pela necessidade de divulgar estudos científicos numa área considerada recente em Portugal, a Psicologia da Aparência. A Psicologia da Aparência tem-se desenvolvido e afirmado nas últimas décadas, tendo sido publicado o primeiro livro em 2005 (*The Psychology of Appearance*), seguido do primeiro manual em 2012 (*The Oxford Handbook of the Psychology of Appearance*), organizados por Nichola Rumsey e Diana Harcourt, investigadoras do *Center Appearance Research* e docentes na *University of the West of England*. Ambas as publicações tiveram origem de várias investigações, dotando a Psicologia da Aparência numa área de aplicação interdisciplinar, multidisciplinar e transdisciplinar, implicando várias áreas do conhecimento, tais como a psicologia, a enfermagem, a medicina, a sociologia, entre outras ciências.

A *Body Image Journal*, é considerada a revista científica que mais contribui para o conhecimento da Imagem Corporal em todo o mundo, apresentando centenas de artigos nas mais diversas áreas de investigação. No entanto, essa revista, apresenta-se na língua inglesa, e são muitos os investigadores que muitas vezes deixam os seus trabalhos por publicar, devido à falta de um conhecimento sólido deste idioma - o inglês. A **RPPA** publica artigos em português de Portugal e do Brasil, existindo somente a necessidade de se apresentar o resumo do trabalho também em inglês, de forma a que se possa atravessar fronteiras e chegar à maioria de alunos, professores, investigadores e comunidade em geral.

Em Portugal, existem diversas investigações que exploram muitas variáveis relacionadas com a Psicologia da Aparência, mas na sua maioria, são efetuadas no âmbito de teses de licenciatura, mestrado e doutoramento, que apresentam de uma forma mais ou

menos direcionada, respostas a questões em que estejam implícitas a influência da imagem corporal e as preocupações com a aparência no quotidiano do indivíduo; ou como estes lidam com as alterações da aparência quando originadas por uma doença (i.e., cancro) ou causadas por um trauma (i.e., acidentes). Apesar de serem inúmeras as investigações realizadas, a maioria deste conhecimento permanece “desconhecido” em repositórios institucionais e académicos.

A **RPPA**, pretende afirmar-se na comunidade científica nos países lusófonos, apresentando estudos relevantes numa área que se considera essencial ao quotidiano de todos os indivíduos. O objetivo será contribuir para uma maior compreensão e aprofundamento de conhecimentos técnicos que abordam as multivariáveis que influenciam a construção singular da imagem corporal. De facto, um indivíduo constrói somente uma imagem corporal, mas durante o seu processo de desenvolvimento (inerente a todos os indivíduos), essa construção é influenciada paulatinamente nos primeiros dias de vida. Por exemplo, Hockenberry e Wilson (2011) defendem que as crianças em idade pré-escolar desenvolvem uma consciência do que é “bonito” ou “feio”, enquanto que outros autores fazem referência à existência de vários fatores que influenciam a construção da imagem corporal e a sua identidade como pessoa (Grogan, 2017; Smolak, 2012; Tiggemann, 2015).

Para uma melhor compreensão desta profunda experiência humana - que é a construção da imagem corporal - é necessário recorrer a uma linha temporal de investigações nas mais diversas áreas (e.g., medicina, psicologia, filosofia), no qual se criaram modelos e teorias sobre o significado do constructo da Imagem Corporal (Cash & Pruzinsky, 2004). Estes autores, atribuem os trabalhos de Seymour Fisher como o início de todo um conjunto de investigações, inclusive o termo “*esquema corporal*” como proposta de um mecanismo neuronal, influenciar o movimento e a postura corporal. Nesse sentido, instrumentos de avaliação sobre a imagem corporal devidamente validados e adaptados para a população portuguesa, são uma mais valia para uma profunda compreensão das preocupações com a imagem corporal e a aparência dos indivíduos. No entanto, estes instrumentos estão mais direcionados para a idade adulta, existindo ainda algumas lacunas de instrumentos para as fases do desenvolvimento humano que correspondem à infância e à adolescência.

É na infância que tudo se inicia, no entanto, é na adolescência que se dão as grandes transformações corporais, estas influenciadas pela genética de cada indivíduo e pelas suas vivências com os seus pares e familiares durante a infância. Papalia e Feldman (2013) defendem a importância da construção da imagem corporal ao longo do desenvolvimento humano, em que o senso de identidade também tem uma representação social. Por exemplo,

os meios de comunicação social, mais especificamente as redes sociais, assumem uma posição ativa, permitindo que as pessoas partilhem indiscriminadamente a sua imagem com centenas ou até mesmo milhares de pessoas. A conclusão de um estudo realizado Lira et al. (2017) revela que esses meios de comunicação social, principalmente as redes sociais, estão associadas a uma imagem corporal insatisfatória nos adolescentes. A partilha de *selfies* nas redes sociais, parece ter uma influência sobre a satisfação que as mulheres sentem sobre a sua aparência e a possibilidade de estas recorrerem a cirurgias de estética (Vendemia & DeAndrea, 2021).

Apesar de o senso comum, “afirmar” que as mulheres se preocupam mais com a sua imagem corporal quando comparadas com os homens, é de salientar que esta “afirmação” surge porque a grande maioria dos estudos, se concentra na avaliação da imagem corporal em mulheres, existindo carências de investigação da imagem corporal em homens. Independentemente do gênero, as preocupações com a imagem corporal e aparência são mais frequentes do que se possa imaginar, por exemplo, a autoimagem genital feminina (Herbenick & Reece, 2010) e autoimagem genital masculina (Herbenick et al., 2013). Sentimentos menos positivos associados à imagem corporal ou à aparência de um indivíduo, podem originar a tomada de decisões que nem sempre são as mais adequadas, tais como recorrer a cirurgias estéticas, aderirem a dietas que podem levar a perturbações alimentares (e.g., bulimia, anorexia) ou a aumentarem a prática de exercício físico com o objetivo de atingir o corpo ideal ou uma aparência socialmente aceite.

O investimento esquemático e a autoconsciência da aparência variam no tempo, em que os traços de personalidade, o otimismo, as emoções (positivas e negativas) e o autoconceito desempenham um papel determinante quando o indivíduo se confronta com uma alteração da sua imagem corporal (e.g., desfiguramento), considerando-se que uma alteração na face é um processo complexo e multidimensional (Mendes et al., 2019; Mendes & Figueiras, 2013). É de salientar que existem inúmeras variáveis que influenciam a imagem corporal e a aparência, em que estas variáveis podem incorporar uma perspetiva externa ou social (como os outros observam o indivíduo), ou uma perspetiva interna (como o indivíduo se observa a si mesmo), onde a imagem corporal é fortemente influenciada pela forma como este pensa e sente sobre si mesmo (Rumsey & Harcourt, 2012)..

A Psicologia da Aparência é uma área que merece considerável investigação, sendo uma área emergente da psicologia em Portugal.

Referências

- Cash, T., & Pruzinsky, T. (Eds.). (2004). *Body image: A handbook of theory, research, and clinical practice* (2nd ed.). Guilford Press.
- Grogan, S. (2017). *Body image: Understanding body dissatisfaction in men, women and children* (3rd ed.). Routledge.
- Herbenick, Debby, Schick, V., Reece, M., Sanders, S. A., & Fortenberry, J. D. (2013). The development and validation of the Male Genital Self-Image Scale: Results from a nationally representative probability sample of men in the United States. *The Journal of Sexual Medicine*, *10*(6), 1516-1525. <https://doi.org/10.1111/jsm.12124>
- Herbenick, Debra, & Reece, M. (2010). Original research outcomes assessment: Development and validation of the Female Genital Self-Image Scale. *The Journal of Sexual Medicine*, *7*(5), 1822-1830. <https://doi.org/10.1111/j.1743-6109.2010.01728.x>
- Hockenberry, M. J., & Wilson, D. (Eds.). (2011). *Wong Enfermagem da Criança e do Adolescente* (9th ed., Vol. 1). Lusociência.
- Lira, A. G., Ganen, A. de P., Lodi, A. S., & Alvarenga, M. dos S. (2017). Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, *66*(3), 164-171. <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000166>
- Mendes, J., Rego, R., Moss, T., & Alcaidinho, D. (2019). Psychological adjustment to acquired facial disfigurement: Personality characteristics, self-concept and satisfaction with social support - longitudinal study. *Psychotech & Health Journal*, *3*(1), 4-18. <https://doi.org/10.26580/PTHJ.art17-2019>
- Mendes, J., & Figueiras, M. J. (2013). Desfiguramento Facial Adquirido: Breve revisão narrativa [Acquired facial disfigurement: A brief narrative review]. *Psicologia, Saúde & Doenças*, *14*(3). <https://doi.org/10.15309/13psd140309>
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento humano* (12th ed.). MacGraw Hill - Artemed.
- Rumsey, N., & Harcourt, D. (Eds.). (2012). *The Oxford handbook of the psychology of appearance*. Oxford University Press.
- Smolak, L. (2012). Appearance in childhood and adolescence. In N. Rumsey & D. Harcourt, *The Oxford handbook of the Psychology of Appearance*. Oxford University Press.
- Tiggemann, M. (2015). Considerations of positive body image across various social identities and special populations. *Body Image*, *14*, 168-176. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.03.002>
- Vendemia, M. A., & DeAndrea, D. C. (2021). The effects of engaging in digital photo modifications and receiving favorable comments on women's selfies shared on social media. *Body Image*, *37*, 74-83. <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2021.01.011>